

## A CRIANÇA

Recordemos duas setenças acerca da criança, proferidas pelo Profeta de Nazaré. Disse ele: “Deixai vir a mim os pequeninos; não os impeçais, porque deles é o reino dos céus.”

E mais: “Em verdade vos digo, que, se não vos fizerdes como as crianças, não entrareis no reino dos céus.”

A primeira destas assertivas não exprime tão somente uma expressão carinhosa, um gesto afetuoso, aliás, muito próprio do caráter e da personalidade do Divino Mestre; encerra também sabedoria, revelando o perfeito conhecimento das condições em que as crianças se encontram ao encetarem a sua entrada no seio da Humanidade, e, ao mesmo tempo, recorda e põe em destaque os compromissos daqueles que aqui as recebem, notadamente os pais e preceptores.

A criança — notemos bem — não é uma entidade recém-criada: é, apenas, recém-nascida, fenômeno este que se consuma em cada uma das vezes que o Espírito imortal reveste a indumentária carnal, permanecendo no plano terreno por tempo incerto, que pode ser mais ou menos dilatado.

Quando, pois, Jesus diz — deixai vir a mim os pequeninos — adverte-nos quanto à época propícia ao lançamento das bases educativas.

Não forcamos a interpretação. Jesus não é mestre? O mister que exerceu neste mundo, não foi ensinar e curar?

Portanto, encaminhar as crianças a Ele, importa em educá-las segundo os preceitos de sua escola. Consideremos ainda o que Jesus afirmou de si mesmo: Eu sou a Verdade. Eu sou a luz do mundo.

Ora, o que é educar, no legítimo sentido da expressão, senão orientar o espírito na aquisição parcial, porém progressiva, da Verdade? dessa Verdade que é luz; dessa luz que é redenção? — na conformidade de mais esta frase elucidativa da missão do Verbo encarnado: “Se permanecerdes nas minhas palavras, sereis realmente meus discípulos; e conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará?”

Esquadrinhemos o quanto possível o pensamento do Mestre:

Após o — deixai vir a mim os pequeninos — ele acrescentou: Não os impeçais — isto, porque os discípulos pretenderam impedir que as crianças se aproximassem dele. Nós — nos dias de hoje, descurando da educação infantil — o que estamos fazendo senão impedir que as crianças se instruem e se iluminem conforme os preceitos da escola cristã?

Deixar de proporcionar à infância essa oportunidade, é contribuir para o seu extravio, quando está em nossas possibilidades conduzi-la àquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Prosseguindo, consideremos a terceira parte da sentença ora comentada: porque delas – das crianças – é o Reino dos Céus.

A velha ortodoxia ensina que o Reino dos Céus lhes pertence porque elas são inocentes, e, assim, desencarnando nessa condição, vão integrar-se naquele Reino.

Semelhante interpretação, porém, não procede; não resiste mesmo ao mais ligeiro sopro do raciocínio.

[...] Semelhante erronia procede do desconhecimento da verdade a respeito da criança e das leis que regem e regulam a marcha evolutiva dos seres conscientes, e, por isso, responsáveis.

Sendo a criança que nasce um Espírito que reencarna, a sua inocência resulta da ignorância do mal no decurso dos primeiros anos de cada existência. E, mais ainda, porque o novo aparelho, a matéria, em vias de desenvolvimento, obscurece a mente, constringendo o Espírito dentro de limites acanhados, determinando um recomeço. Assim é necessário, pois é mediante essas reiniciações verificadas através das existências sucessivas que se processam as retificações que a alma imortal vai imprimindo na linha mais ou menos sinuosa de sua evolução.

Cada passagem pela Terra importa numa oportunidade, sendo que os sete anos iniciais são os mais adequados e propícios ao lançamento das bases educativas, segundo ensinam os nossos irmãos maiores, devendo, por isso, merecer dos pais e dos preceptores os mais atentos cuidados.

É após aquele período que o Espírito integra o seu aprisionamento na carne, sendo, portanto, a fase mais adequada às inclinações renovadoras.

A criança nessa época ignora os preconceitos de raça, nacionalidade, classe, credos e posição social. Elas são propensas a se confraternizarem. Se, por vezes, rixam e se hostilizam mutuamente, não guardam ressentimentos, pois jamais o sol se põe sem que se hajam reconciliado. Às contendas da manhã, sucedem, invariavelmente, as fraternas amistosidades da tarde.

É tão acentuada a naturalidade de suas atitudes, que, desconhecendo o direito de propriedade que vigora em nossa sociedade da maneira mais rigorosa, as crianças vão-se apossando de qualquer objeto ou brinquedo que encontram ao alcance e lhes desperta interesse, desfrutando o prazer de admirá-lo e dele se servirem como coisa sua.

Cada nova existência importa, pois, no retorno do aluno ao ciclo de aprendizagem, e ao centro de experiências renovadas. Desprezar tais oportunidades, deixando de orientar, esclarecer e conduzir as crianças – é crime de lesa-humanidade cometido pelos responsáveis, considerando que, dentre estes, nós, os espíritas, assumimos a parte mais acentuada dentro do critério desta luminosa sentença do Cristo de Deus: “A quem muito foi dado, muito será exigido”.

Pensem, portanto, no problema da Educação, dando escola às crianças, pois do contrário estaremos falhando lamentavelmente ao cumprimento do mais imperioso dever que nos cabe desempenhar.

Vinícius

Fonte: VINÍCIUS. A Criança. In: O Mestre na Educação. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 133-137.

In: Sublime Sementeira: Evangelização Espírita Infantojuvenil, ed. FEB, 2012, p. 277 a 279.